

CRÓNICA DO QUOTIDIANO INÚTIL J. CHRYS CHRYSTELLO

J. CHRYS CHRYSTELLO

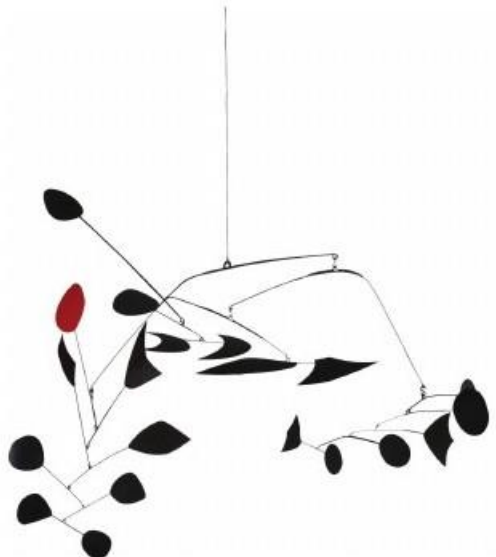
40 ANOS de  
vida literária



CRÓNICA DO  
QUOTIDIANO  
INÚTIL



2012



Com o apoio de:



AICL – Associação  
Internacional  
dos Colóquios da  
Lusofonia



**CRÓNICA DO QUOTIDIANO INÚTIL VOL. 5 (2010-2012)**

**J. CHRYS CHRYSTELLO**

---

---

500..            **ilharias**            (ao vasco pereira da costa)

*a ilha            quilha*  
*que ilha?      a ilha*

*parto num parto precoce*  
*náufrago em terra*  
*açores à vista*

*as lhas – que ilhas?*

*nascidas do fogo*  
*enterradas por vulcões*  
*tremidos*

*tremuras*

*ternuras atlânticas*

*atlântidas*

*ilhas cativas*

*no tempo e no espaço*

*perdidas nas brumas*

*no basalto e na lava*

*piratas*

*corsários*

*aprisionam poetas*

*geram autores*

*concebem amores*

*ritos e crenças*

*benzeduras*

*contra doenças e maleitas*

*há momentos como este*  
*que deviam ficar eternos*

*parados no tempo*

*tudo pela ilha*

*tudo pelas ilhas*

*obrigado Vasco*

*por desvendares estes nossos mares*

saco grosso, floriipa, santa catarina, brasil, 7 abril 2010

501 partir ii (à concha rousia e a uma galiza lusófona)

partir!

cortar amarras

como se ficar fosse já um naufrágio

ficar

como quem parte nunca

partir

como quem fica nas asas do tempo

partir!

cortar grilhetas

como se viver fosse uma morte adiada

vencer ameias

cortar amarras

velas ao vento

olhar o mundo

descobrir liberdades

esta a mensagem

levar o desespero

ao limiar

até erguer a voz

sem medos

até rasgar as pedras

e o ventre úbere

semear desencanto

sorrir

à grande utopia

nascer

de novo

dar o salto

transpor a fronteira

entre o ter e o ser

imaginar

como só os loucos sabem

e então chegaste

com primaveras nos dedos  
e liberdade por nome  
loucas promessas insinuavas  
despontaste  
como quem acorda horizontes perdidos  
demos as mãos  
sabor de início do mundo  
pendão das palavras por dizer  
esta a revolução  
minha bandeira por desfraldar

*s. martinho do porto, setembro, 5, 1976 / lomba da maia, açores fev 13, 2011*

---



## 503 ode ao ipm: a china e a lusofonia 15 abril 2011

a cabeça de jade do dragão volitava promessas  
nós dançando em volta e cantando  
eram portuguesas as palavras  
chinesas as faces

íamos falar de lusofonias  
aprendemos harmonias  
hospitaleiras gentes  
fazendo nossa a casa delas

trataram-nos com honrarias  
lusófonos dignitários qing

deram lições de progresso  
aprendemos seculares tradições  
partilhamos verbos e nomes

humildes aprendizes de feiticeiros  
pasmados  
deslumbrados  
fizemos vénias e sorrimos  
cativados  
fascinados  
prometemos voltar



#### 504. volitando 4 maio 2011

vieram os deuses  
plantaram ilhas  
onde dantes havia água  
nasceu a ilha-mãe,  
havia a mãe-ilha,  
outra era marilha,  
uma a ilha menina  
outra ilha-filha  
nove irmãs  
filhas de poseidon e de afrodite  
nascidas da espuma do mar

nos montes verdes  
rugiam dragões  
cuspiam chamas  
tremiam os chãos  
secavam ribeiras  
vomitavam magma  
choviam trovões  
de thor filho de odin  
esquecido das gentes e animais  
pobres escravos e colonos  
amanhadores de rochas e fomes  
desbravadores de mínguas  
crentes e temerosos  
orando promessas seculares  
criam no destino sentindo-se culpados  
ainda hoje penam  
liberdades que não pagam dízimos  
votam com os pés da emigração  
a libertação de todas as cangas  
mas voltam sempre  
romeiros em promessas várias  
açorianos até ao tutano  
sem alforrias nem autonomias  
perenes escravos destas ilhas  
escrevem a história que poucos leem.

**505. o buda 5 maio 2011**

o buda sorriu à minha mulher  
descrente de orientes  
e ela acreditou

queimou incenso e orou

quem sabe se a saúde cura  
e a vida prospera

serena aguarda  
que o buda sorria de novo

## 506. cultos não ocultos e cristãos maio 6, 2011

aqui não é a face oculta da lua  
nem marte planeta vermelho  
1627 marca a data  
no templo de kun iam tong  
um começo budista no delta  
do rio das pérolas

aqui se celebrou em 1844  
o tratado sino americano de mong há  
à sombra da árvore dos amantes  
sob o testemunho dos 3 budas preciosos  
e a bênção do buda da longevidade e kun iam

aqui acendi o meu incenso  
fiz preces em 1977  
repeti votos em 2011  
na esperança fundada  
de os deuses estarem comigo

há momentos espirituais mágicos  
este o partilhamos  
com lusófonos amadores de cultos orientais  
perambulando por entre crentes devotos  
atordoados pelo intenso aroma  
envoltos na mística exótica  
como camilo pessanha ou camões  
aprendizes da galiza, bulgária, alemanha,  
de moçambique, açores, canadá e brasil  
e tantos outros países  
todos supersticiosamente crentes

os cristãos partiram santamente  
com sacros sacos de incenso  
para acenderem em altar devoto

a n. sra de fátima  
ou em romagens ao santo cristo

em coloane visitaram tin hau  
templo da deusa dos céus  
de kuan tai (deus da guerra e das riquezas),  
de lu ban (deus dos carpinteiros),  
de choi bak (deus da riqueza)  
de hua tuo (deus da medicina).  
todos guardados por leões  
e passearam pela igreja  
de s. francisco xavier  
com a tradicional imagem  
uma deusa chinesa segurando um bebé  
sinoversão da virgem maria  
ponte intercultural do oriente e ocidente.

embevecidos na gruta de camões  
ouviram poemas ao vivo  
em fundo de dança tai-chi  
uníssono com a concha e o vasco  
dissonantes com o chrys e luciano  
fazia calor e estava húmido  
como já nem se lembravam

depois, foram em preito  
a a-má, deusa do céu  
em templo miscigenado  
de tao, confúcio e buda  
a tian hou deusa dos navegantes  
preitearam no pavilhão das orações  
ou primeiro palácio da montanha sagrada

não deitaram panchões  
não dançaram a dança do dragão  
receberam lai-si fora de época

banquetes de nunca acabar  
comida de não perguntar  
debateram-se com fai chi  
até pedir faca e garfo

para quem lá viveu e sonhou  
jamais sonhando regressar  
ver macau nova e pujante  
foi alegria insuspeitada  
dita por chineses em lusa voz

aqui deixo a promessa  
perdoa-me  
quero voltar.

**507 tanto mar (ao vasco) [pico, 9 agosto 2011]**

entre nuvens escrevo  
tanto mar  
e nele flutua

a tua prosa

tanto mar  
e não cabem nele

os teus fogos ocultos

pairando sobre as ilhas  
te deram vida

sustento

inspiração

tanto mar,  
no teu pequeno bote  
prenúncio de liberdades

cravos e rosas

espinhos e espigas

tanto mar  
tanta montanha

vulcões por trepar

maroiços por construir

baleias por harpoar

pescador de palavras ilhíadas  
lavrador de poemas  
da prainha do pico  
à heroica angra  
ao choupal das letras

tanto mar  
e não cabem nele

teus livros por acabar.

**508 maia [ao daniel de sá] (pico 9 agosto 2011)**

das penedias da tua maia  
avistas o mar  
          teme-lo  
          afugenta-lo  
com tuas palavras  
          narras histórias antigas de encantar  
contas lendas de tempos que não vivi  
          habito lendas que ainda não leste  
escrevo o que vivo e sinto  
          da janela do meu castelo  
          voltado ao grande oceano  
          à ilha mágica da autonomia  
          em nevoeiro de s. joão  
s. miguel vive em terra  
          costas voltadas ao mar  
          por vezes tenho de o largar

da minha lomba  
o mar não temo  
          nem repelo  
nem suas águas em descabelo  
nem suas terras de tremores  
          convulsões  
medos, pavores, temores

audacioso ou petulante  
abro-me ao seu encanto  
enleiam-me adamastores e sereias  
  e me embalam

deixo-me seduzir  
          sem atropelo  
vogo nas ondas  
          as correntes me levam  
velas enfunadas  
          ao sabor da maré

nem sei quantos  
          dias, meses ou anos  
andei marejando  
          sem destino  
          sem vocação

arribo noutra ilha  
          mística  
          mágica  
abrigo-me na sombra  
          de seus cumes  
          vulcões endormidos

no magnético pico  
crio este sortilégio  
sem bruxas  
    nem feiticeiras  
        curandeiras  
            mezinheiras  
                macumbeiras

noutros tempos era astrologia  
contavas tu daniel  
    seus segredos sem papel  
hoje é apenas  
    e já  
        poesia.

saravá poeta amigo



**509 (maria nobody, à maria mãe, pico, 9 agosto 2011)**

maria nobody  
de todos ninguém

de alguém  
de um só  
maria nobody  
com body de jovem

maria só minha  
assim te sonho  
assim te habito

maria nobody  
de todos ninguém

maria nobody  
mãe  
amante  
mulher  
minha maria

maria nobody  
de todos ninguém  
nem sabes a riqueza  
que a gente tem

maria nobody  
de todos ninguém

maria só minha  
dos filhos também  
maria nobody  
mais ninguém tem.

## 510. lancha do pico (pico, 9 agosto 2011)

lá vem a lancha  
                    lá vem  
traz imigrantes, viajantes  
memórias vãs por limar  
da terra, do fogo  
do tempo sem prazo  
da fome e do medo  
das socas de milho  
das pedras por maroiçar

votaram com os pés  
fizeram-se ao mar  
sem botes nem baleias  
para a lonjura das amercas  
novas vinhas por esmoutar

voltam abonados  
impantes de dólas  
sem sueras nem albarcas  
ao rossio do mar  
lampeiros, apatacados  
emigrantes mendigos  
de memórias por aparar  
perderam as terras  
ganharam o mar

lá vem a lancha  
                    lá vem  
a bordo não traz ninguém  
picarotos perdidos  
                    como só esta ilha tem

comem e bebem  
reveem parentes  
                    e gente de bem  
perdidos em tempos idos  
repetem saudades dos entes  
sabe-se lá de quem

apadrinham festas e procissões  
pagam dízimos e promessas  
missas por alma de quem partiu

emigrados em amarcanas missões  
lágrimas da ilha que os repeliu  
do sangue fizeram vinho  
do magma medraram uvas  
em terra de rola pipas  
debouçam bocainas, traveses e jarões  
plantam casas e novos luxos  
nas ilhas vazias de gente  
com leiva de memórias idas

musgo de antepassados  
à espera de filhos e netos  
sem regressos nem partidas

lá vem a lancha  
                    lá vem  
vazia  
    já não traz ninguém

## 510. lancha do pico a dias de Melo 2011 versao 1

lá vem a lancha  
                    lá vem  
traz imigrantes  
do tempo viajantes  
                    pedintes, mendigos  
                    de memórias vãs  
do tempo sem tempo  
da fome e do medo  
das socas de milho  
pedras por desbatar  
da terra, do fogo.

votaram com os pés  
fizeram-se ao mar  
sem botes nem baleias  
para a lonjura das amercas  
novas vinhas por desbravar

voltam endinheirados  
lampeiros, impantes  
de dólas sem sueras  
                    nem albarcas  
                    ao rossio do mar

emigrantes mendigos  
de memórias por habitar  
perderam as terras  
ganharam o mar

o grande oceano  
dono e senhor  
de todas as gentes  
de aquém e além mar

dono destes açores  
aqui onde só há mar  
lá vem a lancha  
                    lá vem  
a bordo não traz ninguém  
picarotos perdidos  
como só esta ilha tem

comem e bebem  
reveem parentes e gente de bem  
repetem saudades  
de tempos idos  
sabe-se lá de quem

apadrinham festas e procissões  
pagam dízimos e promessas  
missas por alma  
de quem partiu velho e só



511. na varanda 1 (à maria nini, horta, estrela do atlântico, 12 agosto 2011)

partiste e deixaste  
o travo amargo da tua boca

no ar evolava a memória  
do teu corpo  
dos teus beijos  
teu perfume  
teus contornos delicados

ficaram suspensas as palavras  
como balões de banda desenhada  
à espera do beijo do artista

o quarto era um laboratório  
de sentimentos  
cheiros  
cores

como a paleta de um pintor  
que se levanta e vai  
desenhar telas nas nuvens

na almofada a memória  
dos teus cabelos da tua cabeça  
deixava antever os sonhos  
no suor da tua camisa  
e um leve cheiro a coco  
era verão  
fazia calor  
lençóis caídos no chão  
roupa esparramada pelos cantos  
e a mala aberta

sabia que voltarias  
e sentei-me na varanda  
a escrever esta súplica  
quero repetir o batismo dos corpos  
escalar teus cumes  
teus montes de diáfana vénus  
da minha  
fantasia  
utopia  
ilusão  
puro idílio

**512. na varanda 2 (à maria nini, horta, estrela do atlântico, 12 agosto 2011)**

os diáfanos véus  
    pendiam na janela  
    na porta  
    nas paredes  
translúcidos e transparentes  
com eles vesti teu corpo nu

saías da cena das 1001 noites  
    e era ainda dia  
motivos indianos em volta  
e hieróglifos nas tuas palavras

teu corpo jovem e bronzeado  
teu rosto trigueiro  
tuas ancas tisonadas  
    eram o passaporte para o lado de lá  
    sem aduanas nem passaportes

teu corpo de menina catita  
era a fronteira do desejo  
    irreprimido  
    irreprimível

mantinhas o cheiro a maresia  
    nas ondas dos teus cabelos  
tinhas algas nos dedos  
sargaços de mil enleios  
tentáculos de quentes beijos  
tuas mãos desenhavam a minha geografia  
e as unhas imitavam nova caligrafia  
traçavas o meu mapa mundi  
munchinhúndi  
mundo profundo  
ignoto e ignaro

adormeci ao teu colo  
sonhei no teu quente regaço  
embalei-me nas ondas de teus seios  
também tu eras mar

assim,  
    fui cidadão do teu mundo  
nele fiquei

para sempre  
    órfão de todas as pátrias  
    refém de toda a tua volúpia

### 513. a uma leonor especial 24 agosto 2011

neto és avó serás  
e só então a verdade saberás  
do encanto frágil  
das pequenas mãos que se estendem  
dos pequenos olhos que te buscam  
dos pequenos pés que afagas  
dos regurgitantes sons que escutas  
então sonharás

de novo  
como sonhaste em jovem  
paraísos perdidos e por inventar

regressarás a memórias esquecidas  
visitarás planos arquivados  
na gaveta de conquistas por subjugar  
recordarás canções de embalar  
com a voz embargada pela emoção  
mas sem lágrimas furtivas  
que os homens não choram  
era assim no teu tempo  
e te ensinavam a respeitar

ouvias os avós como quem escuta um deus  
eles eram a fonte universal de sabedoria  
bebias as palavras como quem tem sede  
memorizavas nomes e lugares  
que prometias conhecer e visitar

e eles tinham [quase sempre] razão  
mas tu não sabias nem suspeitavas  
que a saudade só chegaria depois

ter netos é recordar os filhos  
corrigir erros e ausências  
dispensar afagos e mimos  
que já esqueceste



## 514. 8 anos depois para a mariana 24 agosto 2011

quando nasceste há 8 anos  
era avó temeroso das palavras e dos atos  
incapaz de expressar sentimentos e amores

vieste de rompante mal anunciado  
irrompeste pela minha vida  
sem pedires licença nem perdão

eras amorosa e delicadoce  
cabelos longos e sedosos  
olhos de amêndoa e voz de sereia

nada perdeste nestes anos  
ganhaste um amor enorme  
deste avô impiedoso e duro  
quebraste a pedra e o magma  
rompeste a lava de que me cerco  
hoje és como uma outra filha  
mais pequena e indefesa  
à mercê de marés e vagalhame  
espero estar cá para te ensinar a nadar

a tua doce voz embala-me  
já não conto histórias de adormecer  
em inglês que mal entendias  
sou eu que adormeço na lonjura dos dias  
na distância que nos afasta  
sem perder laços que adubámos  
em momentos fugazes e subtis  
continuas meiga e delicada

o teu sorriso são mil sóis  
e nenhuma nuvem te ensombra  
brilhas noutras galáxias  
e és excelente na escola

a tua voz de sereia  
os teus cabelos de alga  
ecoam na maré vaza

as tuas mãos de sargaços  
enleiam teus avós

mergulhas nas ondas  
com promessas de regressos  
nesta praia te esperamos

## 515. a nau sem escorbuto 24 agosto 2011

arribou nesta praia deserta  
a nau sem escorbuto  
sem mastro nem pendão  
sem carga nem marinagem  
sem especiarias do oriente  
nem arroz do sião ou malaca  
sem pérolas de ormuz  
nem diamantes da índia  
sem cavalos das arábias  
nem marfim das áfricas  
fora de cochim a meca  
de ternate a timor  
sem compradores  
nem lusitanos feitores

nesta açoriana praia deserta  
longe do mar eritreu  
há mouros e judeus conversos  
cristãos por batizar

os senhores dos açores  
ocupam lugares de proa  
a barlavento das gentes  
não vieram de calecute  
nem estiveram em cipango  
não cuidam da pimenta do reino  
da noz-moscada, do cravo-da-índia  
do açafraão, anis, gengibre e canela  
não foram a banda, ceilão ou malucas

os senhores dos açores,  
que não é terra de gentios  
chamam-lhe sua e de mais ninguém  
como samorim a regem  
feitos marajás em palácios  
ofertam bugigangas aos nativos  
promessas vãs e eleitorais

sentado na ameia  
frente à seteira  
em castelo sem pendão  
envio migas de letras  
a todos sem literário pão  
crónicas avulsas de vidas vividas  
pecados sem perdão

e o povo sem saber da fome  
do frio que aí vem  
das vacas que se foram  
do leite que não mungiram  
dos campos que não araram

das colheitas que não comeram  
feliz vota nos que prometem  
sempre a mesma solução

lá fora há guerras sem pátrias  
mutilados e estropiados  
cá já temos sem-abrigo  
drogaditos e malfeitores  
assaltantes, meliantes  
económicos dissabores  
da troica que tudo leva  
e cobra dívidas que herdamos  
de tantos ditos senhores

não há santos que nos valham  
nem procissões e andores  
preces e velas acesas  
romeiros de todas as dores  
somos um povo infeliz e abúlico  
sem sonhos nem destemores  
vergados ao duro peso  
de vis especuladores

da história magnânima nem sombras restam  
nem bardos nem cantores  
nem escribas dedicados

o povo sofrendo medos  
erros grosseiros  
enganos ledos  
sem naus nem caravelas  
sem espadas nem aduelas  
sem especiarias nem língua franca  
cantando fados a tétis com paixão  
com futebol e telenovelas  
e fé sem outra afeição

o povo escravo de novo  
sofre consternado  
às dívidas acorrentado  
à mingua de dízimos e outros enfados  
sem contar os créditos mal parados  
come demagogia e paga iliteracia  
santa liberdade e democracia  
chora lágrimas de crocodilo  
lendo jornais desportivos  
com as letras aprendidas  
nas novas oportunidades

o povo sofrendo fomes e enfermidades  
vendia os anéis e comia os dedos  
emigrava quando podia  
queixava-se da sorte caipora  
temia do governo as novidades

a geração rasca a parva passara  
timidamente na crise despontara  
bancos enriqueciam na austeridade  
à custa da plebe e do suor já suado  
de brandos costumes acostumado  
não descera às ruas este povo  
faltava-lhe força e inteligência  
nem era gleba de novo  
antes novos ricos da indigência

ancorada a nau fmi de novos reis  
em terra de pagãos e infiéis  
não daria berloques aos nativos  
apenas a chibata e o chicote  
as grilhetas de trabalhos cativos  
sem abrigo nem culote

e um poeta solitário  
no alto do seu castelo  
gritava a bom gritar  
mas não o ouviam as massas  
sem perder tempo para se educar  
e acreditavam nos seus donos  
compradores de votos  
com promessas a acenar

o jardim à beira-mar plantado  
há muito inculto e estiolado  
ia fenecendo devagar  
sem gente para o cuidar  
e dos vindouros muitos virão  
dizer que o poeta pressagiava  
o fim desta bela nação.

## 516. a ilha-mãe 29 agosto 2011

a ilha-mãe ficou sentada à janela  
virgem e solteira  
esperando o príncipe encantado  
na nau do nunca mais

se penteou e vestiu  
abriu a ventana  
pôs a mão em pala  
e olhou o mar imenso  
213160 dias para ser exato

na praia do capitão na baía dos anjos  
nenhum barco aportou  
até um célebre quinze de Agosto,  
aniversário de Gonçalo Velho na Praia dos Lobos,  
em que os batéis vieram do mar  
trazendo mouros infiéis

os argelinos as mulheres arrebataram  
eram moeda de troca as cativas  
em mercado de escravos ou resgate

chorou lágrimas amargas  
e orou à senhora dos anjos  
acordou com centenas de marienses  
a salvo na furna de sant'ana  
escondidos dos saqueadores

viu um cortejo de piratas a cavalo e a pé,  
rufando tambores e tocando cornetas  
em debandada para o mar

voltou para a sua janela  
sonhou com príncipes enfeitados  
jovens cativados do seu olhar

ainda hoje se pode ver a sua sombra esguia  
em noites de maresia  
acenando um lenço branco  
a quem queira desembarcar

só sai à rua em dia de procissão  
vestida com véus e organzas  
finas cambraias sem outras iguais  
senhora dos anjos  
redentora da ilha-mãe

## 517. a ilha de todos os medos (ribeira quente, povoação, 31 agosto 2011)

uma ilha pode ser de todos  
onde quer que se habite  
viver na ilha é quase um naufrágio  
respirar sob as águas turvas  
viajar através do corpo submerso  
vir à tona turbulenta  
partir da ilha sem sair dela  
levá-la para mundos outros  
recriar a origem em qualquer destino  
crenças, festas e procissões

uma ilha pode ser de todos  
mas só alguns a usufruem  
poucos exibem como passaporte  
sem pudor de regionalismos  
atraso, incultura, insucesso  
secular canga feudal, ancestralidade  
alheados na negação da açorianidade  
vencendo na escrita fora da ilha  
arrogância, ostracismo, solidão  
sotaques polidos, discursos em vão

uma ilha pode ser de todos  
deneguem anátemas e maldições  
contra ilhanizados e açorianizados  
albardem-se oportunistas da literatura  
acoutados em rótulos de ocasião  
enjeitem escritores renegados  
tertúlias de Lisboa a Coimbra  
promovam-se os que se não promovem  
pedreiros do magma e lava  
que sentem o que escrevem  
que redigem a alma única  
sabor a mar e terramotos

uma ilha pode ser de todos  
merece-a quem a habita  
uma ilha pode ser de todos  
os livros a quem os lê  
a escrita a quem a fabrica  
em relação de bordo<sup>1</sup>  
na ilha de nunca mais<sup>2</sup>  
raiz original e comovida<sup>3</sup>  
com lágrimas de gente feliz<sup>4</sup>  
estude-se a cor cíclame<sup>5</sup>

---

<sup>1</sup> Cristóvão De Aguiar

<sup>2</sup> Fernando Aires

<sup>3</sup> Cristóvão De Aguiar

<sup>4</sup> João De Melo

<sup>5</sup> Maria De Fátima Borges

na distância deste tempo<sup>6</sup>  
quando Deus Teve Medo De Ser Homem<sup>7</sup>  
e era o príncipe dos regressos<sup>8</sup>  
em a sombra de uma rosa<sup>9</sup>  
quando havia almas cativas<sup>10</sup>  
no contrabando original<sup>11</sup>  
estava o mar rubro<sup>12</sup>  
de histórias ao entardecer<sup>13</sup>

exaltem e reeditem  
o lavrador de ilhas<sup>14</sup>  
nas escadas do império<sup>15</sup>  
marinheiro com residência<sup>16</sup>  
plantador de palavras vendedor de lérias<sup>17</sup>  
que foi ao mar buscar laranjas<sup>18</sup>  
e eu fui ao pico e piquei-me<sup>19</sup>  
à boquinha da noite<sup>20</sup>  
nos silos do silêncio<sup>21</sup>  
em a ilha grande fechada<sup>22</sup>

era desta açorianidade  
que vos queria falar  
medram poetas nestas ilhas  
contistas, ensaístas,  
romancistas, romancistas  
narradores contadores,  
dramaturgos, sonhadores

deixai-me hastear a bandeira deste povo  
e gritar o que lhe vai na alma

uma ilha pode ser de todos  
onde quer que se habite  
ninguém a ama ou deseja  
como os que nela se querem  
sejam nascidos e vividos,  
ou apenas trasladados  
com raízes que nenhum machado cortará  
colhendo flores que só o poeta cantará  
voando quimeras que só o vate sonhará

---

<sup>6</sup> Marcolino Candeias

<sup>7</sup> Daniel De Sá

<sup>8</sup> Eduardo Bettencourt Pinto

<sup>9</sup> Eduardo Bettencourt Pinto

<sup>10</sup> Roberto De Mesquita

<sup>11</sup> J. Martins Garcia

<sup>12</sup> Dias De Melo

<sup>13</sup> Fernando Aires

<sup>14</sup> J H Santos Barros

<sup>15</sup> Vasco Pereira Da Costa

<sup>16</sup> Urbano Bettencourt

<sup>17</sup> Vasco Pereira Da Costa

<sup>18</sup> Pedro Da Silveira

<sup>19</sup> Álamo Oliveira

<sup>20</sup> Dias De Melo

<sup>21</sup> Eduíno De Jesus

<sup>22</sup> Daniel De Sá

uma ilha pode ser de todos  
onde quer que se habite  
deixai que a chame minha  
quero-a só para mim  
mãe de todas as filhas  
mar de todas as ilhas  
ela pode ser de todos  
a ilha de todos os medos



## 518. NIGEL TURNS 15

os filhos são como as ilhas  
ainda ontem nascente rato e careca  
sonho há muito sonhado  
promessas de séculos adiadas  
sem nos darmos conta medraste  
por entre as silvas e cardos  
de malas às costas como o caracol  
ser filho de professora  
é ser caixeiro-viajante sem eira nem beira  
hóspede de cidades, aldeias e vilas  
desfazer amizades como quem respira  
tentar manter laços numa distância  
criar novos elos faces novas  
aprender sotaques e maneiras  
perder o medo e criar confiança  
no desconhecido, no novo  
aprender lições em ritmo de maratona  
sem tempo para parar  
para ver crescer as sobrinhas  
longe de avós, tios e primos  
enquanto crescias e eram dores difíceis  
os pais a avelhentarem  
sem fôlego para a tua juventude  
irreverente, impaciente, ambiciosa  
sempre a queres tudo e já

os filhos são como as ilhas  
não há continente que as segure  
acordam no meio dos oceanos  
e é só mar e ar  
por vezes fogo e tremores  
que a terra nunca é firme

os filhos são como as ilhas  
nasceram para viverem longe  
cresceram distantes e apartados  
e quando damos conta  
já se fazem ao mar  
na esperança de um dia voltar  
e há sempre esta tristeza  
a falta de tempo partilhado  
as brincadeiras que não se tiveram  
as conversas que não falamos  
as desobediências infundas  
os ralhos e os castigos  
e a dor imensa de saber  
que quando te fizeres ao mar  
não ficaremos em terra para sempre  
nem estaremos no cais a acenar  
connosco apenas a memória  
dos momentos bons e felizes  
dos orgulhos nos teus atos  
das pequenas conquistas

quando foste mais velho do que eras  
ajudando no que sabias e podias  
justificando aquilo em que críamos  
apartados ficaremos de ti  
como longe estamos dos outros  
todos filhos e netos à distância de um mar

os filhos são como as ilhas  
não há continente que os segure  
crescem em novas pátrias  
e nós sem forças para nadar  
impotentes e velhos  
sem remos para velejar  
ficamos no cais à espera  
de um bote ou avião  
uma carta, um telefonema  
ou imagem MMS ou Skype  
desfolhando álbuns de fotos antigas  
recordando momentos e locais  
em que éramos família e una  
e precisavas de nós  
nem sempre é triste envelhecer  
pesaroso é não o aprender ledo  
temos de aprender a permanecer  
alegres e vaidosos quando nos deixam  
felizes na nossa missão  
certos de que um dia voltarão

os filhos são como as ilhas  
adoram estar no mar  
deixemo-los navegar  
e descobrir que os continentes  
não são feitos para nadar



## 520. a criação do mundo 12-9-2011

deus sentou-se no rochedo do ilhéu de são lourenço  
contemplou o presépio que acabara de construir  
criou um porto e algumas grutas  
parou em santa bárbara e pintou-a de azul  
seguiu viagem pela baía do cura  
ponta do cedro e do castelete  
na maia criou cascatas e deixou um archote aceso  
para que soubessem que o paraíso era aqui  
aplainou terras férteis em santo espírito  
alisou as areias na praia que ficou mui ferrosa  
subiu à malbusca e almagreira  
plantou um jardim de éden nas fontinhas  
e parou no pico alto a observar  
as aves que voavam sobre o tagarete  
virou-se para a direita e idealizou baías  
do raposo, da cré, dos anjos e dos cabrestantes  
deixando outro archote na ponta dos frades  
em duas passadas foi ao ilhéu da vila  
em frente às ribeiras quedou-se à espera

adormeceu profundamente  
ainda hoje se espera o seu regresso

**521. pitt meadows kwanza açores, ao eduardo bettencourt pinto 22 setembro 2011**

nasceste na savana com pés de basalto e lava  
viveste na terra dos grandes desertos da África meridional  
mas o teu rio é kwanza que acaba aos pés de Luanda  
terra de surf na bela baía  
teu nome é de magma ancestral  
nasceste do fogo e da água  
com raízes na ilha-mãe que buscas entender  
teu nome não é pradaria em Pitt Meadows  
mas belos trigais na British Columbia  
zona alagadiça de deltas e lagos  
Maple Ridge e o rio Pitt são teus parceiros  
mas não esqueces o calor de África  
nem a humidade arquipelágica  
divides a vida entre amores e pátrias distantes  
fazes da escrita uma fotografia  
já que não retratas a poesia  
mas algo nos une que não as palavras  
o mar imenso que nos separa

## 522. politicamente incorreto [24 setembro 2011]

hoje apeteceu-me ser sopeira e botar-me à janela  
ver os magalas a passar sem cravos na lapela  
mas nem eu era sopeira nem havia magalas nas ruas

hoje apeteceu-me ir para a rua e ficar na esquina  
de tacões altos e minissaia vermelha  
bolsa de lantejoulas, batom e rímel  
nem um só carro parou não havia clientes para aviar

hoje apeteceu-me ser dona-de-casa  
ficar em casa a ver telenovelas  
*couch-potato* a comer e beber até fartar  
mas já não havia casa nem televisão  
os fiscais do IRS levaram tudo

hoje apeteceu-me faltar às aulas  
fazer gazeta e ir à praia  
mas ninguém me marcou falta  
ninguém chamou os meus pais  
e é proibido “chumbar”  
hei de voltar à escola lá para o natal  
carnaval ou nas férias da páscoa  
neste país ninguém leva a mal

hoje apeteceu-me roubar um multibanco  
fugir com o dinheiro para longe  
esqueci-me da botija de gás  
mas a máquina não rebentou  
nem a RTP apareceu  
nem havia câmaras ocultas  
nem dinheiro no ATM

hoje apeteceu-me fazer tudo isto  
transgressor tardio  
rebelde da terceira idade

queria tresloucar  
chamar a atenção do mundo  
mas nada é novo nem ousado  
tudo foi feito e experimentado  
e o mundo ocidental bateu no fundo

imaginava os jornais amanhã  
sexagenário na senda do crime  
a família chocada vizinhos incrédulos  
a parentela ignora-me  
os vizinhos não me conhecem  
e já ninguém lê jornais

então sentei-me à secretária  
e fiz a única coisa que não aprendi

mas sei  
escrever  
com raiva, convicção,  
como poepateta peripatético

ninguém deu conta  
nem mesmo quando a casa foi abaixo  
para dar lugar a mais uma estrada

ninguém sentiu a minha falta  
ninguém lamentou a ausência  
ninguém deixou de me ler

e agora, pergunto  
com que cara me vou levantar amanhã?

### 523. A PAZ ZEN DO EDUARDO (BETTENCOURT PINTO) 16 outubro 2011

não esqueço as tuas palavras  
o tom suave das tuas falas  
lavrador de verbos  
com medo de ferir as terras  
arando sentenças  
como se fossem seres vivos

estás de bem contigo e com o mundo  
pacifista de vocábulo fácil  
nem na imagética és agressivo  
entras a medo  
como quem pede desculpa  
e sais fotografando  
sorrateiro para não incomodar o ar  
que respiras sem sofreguidão

tens o sofrimento e a dor  
em sulcos profundos na alma  
reclusos da poesia  
que ainda não escreveste  
prisioneiros invisíveis  
carregas a dor de muitos mundos  
oculta em véus diáfanos

falas mansamente para não ofender  
lentas palavras na construção do mundo  
não acalantas raivas ocultas  
dialogas com as tuas fotos  
condescendes com os humanos  
partilhas a felicidade  
de estar e de ser  
únicas certezas que transportas  
mas também sorris  
como a criança que não foste  
como o adolescente que não pudeste ser  
como o jovem adulto que te obrigaram a viver  
convertes mágoas em alegrias  
partos difíceis e resignados  
alquimias de amarguras

das aves sabes o voo tangencial  
das plantas o ciclo vital  
das ondas que são o teu leito  
avistas as estrelas que te alimentam

a poesia é questão de minorias  
só os privilegiados leem  
menos ainda a entendem  
dizem que escrevê-la é fácil  
mas difícil é o que fazes  
vives a poesia no teu dia-a-dia  
a ti, irmão da palavra



obrigado por acreditares  
em ti, como em Gedeão  
o sonho comanda a vida

(ah! como eu gostava

de ser poeta

viver outras vidas

utopia).

**524. reinvenção do amor, a daniel filipe, 18 outubro 2011**

o pássaro descreve o seu voo  
na senoide deste tempo  
a voz e a palavra são campos floridos  
evocam verdes infâncias

é preciso inventar o amor  
com caráter de urgência  
dizia Daniel Felipe

mas são precisos homens e mulheres  
dispostos a amar  
capazes de ouvir e perdoar

os sentimentos podem esfriar  
mas não se gastam  
nem devem ser mudados  
com a frequência das camisas  
não são fraldas descartáveis

precisam de ser regados  
com a humidade das neblinas  
e o orvalho das lágrimas  
neste deserto com vozes

a felicidade é um mito  
o mundo é um inferno  
a paixão uma utopia

e tu acreditas, meu amor?  
andam pássaros à solta nos jardins de Eros

**525. Galiza como Hiroshima mon amour, nov 11, 2011**

acordaste e ouviste o teu hino  
bandeira desfraldada ao vento  
ao intrépido som  
das armas de breogán  
amor da terra verde,  
da verde terra nossa,  
à nobre lusitânia  
os braços estende amigos,  
desperta do teu sono  
pega nos irmãos  
caminha pelas estradas  
ergue bem alto a tua voz  
diz a quem te ouvir quem és  
orgulhosa, vetusta e altiva  
indomada criatura  
nenhum poder te subjugará  
nenhum exército te conquistará  
nenhuma lei te amiquilará  
és a Galiza mon amour

## 526. famosos e ignorados 16.11.2011

I  
hoje ia na marginal com pauleta, o açor  
todos paravam pedindo autógrafos  
quando passeei com nemésio todos ignoraram  
se fosse toni carreira ou quim barreiros  
o trânsito parava, mas escritores?

nem uma réplica de camões  
faria virar os olhos dos transeuntes  
tenho orgulho nos portugueses  
em casa de cegos sinto-me rei

II  
na maia, daniel de sá é o professor  
poucos o conhecem como escritor  
no pico da pedra cristóvão é ignorado  
onésimo apenas lembrado

vasco p. da costa é da terceira  
com costela picarota  
mas é em coimbra que tem a eira

joão de melo virou mundial  
desconhecido na achada atual  
caetano nasceu na fajã grande das flores  
mas é em cambridge eua que tem seus amores

e eu que nasci no porto  
sou poeta da Galiza  
tradutor na terra dos cangurus  
se bem que do castelo jamais saía  
sou cronista dos açores  
e escritor da lombá da maia

527. Leonor sem verdura nem frescura 16.11.2011

**Luís Vaz de Camões**

**Descalça vai para a fonte  
Leonor pela verdura;  
Vai fermosa, e não segura.**

**Leva na cabeça o pote,  
O testo nas mãos de prata,  
Cinta de fina escarlata,  
Sainho de chamelote;  
Traz a vasquinha de cote,  
Mais branca que a neve pura.  
Vai fermosa e não segura.**

**Descobre a touca a garganta,  
Cabelos de ouro entrançado  
Fita de cor de encarnado,  
Tão linda que o mundo espanta.  
Chove nela graça tanta,  
Que dá graça à fermosura.  
Vai fermosa e não segura.**

**Chrys Vale Tostões**

**Descalça vai para a farra  
Leonor pela noitinha  
Vai trémula pela cocaína**

**Leva preservativo na calcinha  
Pílula do dia seguinte na bolsinha  
Tanga de fina seda encarnada  
Minissaia de cabedal rascote  
Não usa sutiã no decote  
A pele branca que nem neve pura  
Vai trémula pela cocaína**

**Cantarola já rouca a garganta  
Cabelo desgrenhado  
Bandolete china de plástico usado  
Tão pedrada que a todos espanta  
Engole o ecstasy de graça tanta  
Que dá graça à pouca gordura  
Vai trémula pela cocaína**

**528. ah como eu gostava 16/11/2011**

portugal lembra o filho ingrato  
que sai de casa levando as malas  
cresce como um sem-abrigo  
vivendo de expedientes  
sujo, maltrapilho e destituído  
mas orgulhosamente só e independente  
altivo olha a galiza do tempo dos aguadeiros  
da pobreza, fome e sofrimento  
e sente-se superior  
não reconhece pai ou mãe  
nem partilha um cobertor  
comporta-se como assaltante  
aliado ao invasor  
esqueceu a história e perdeu os genes

ah como eu gostava de ser galego

## 529. homenagem a Natália Correia 29 novembro 2011

hoje  
decididamente  
vou escrever um poema  
dedicado aos feriados  
que nos roubaram  
decreto  
que todos os dias  
feriados sejam abolidos  
os dias da semana  
também  
e para não esquecermos  
tais dias e feriados  
se comemorem todas as datas  
ao domingo  
  
e seja domingo todos os dias

(e se nos convertermos ao catolicismo  
não poderemos trabalhar ao domingo)

*em homenagem a Natália Correia  
Poema destinado a haver domingo*

...

*Deixem ao dia a cama de um domingo  
Para deitar um lírio que lhe sobre.  
E a tarde cor-de-rosa de um flamingo  
Seja o teto da casa que me cobre*

*Baste o que o tempo traz na sua anilha  
Como uma rosa traz abril no seio.  
E que o mar dê o fruto duma ilha  
Onde o Amor por fim tenha recreio.*

*Natália Correia, Poesia Completa, Publicações Dom Quixote 1999*

530. pesadelo zoológico 3 dezembro 2011 à concha rousia

sonhei estar num circo  
era um leão amestrado  
o domador espanhol  
senti-me galego

eles não sabem  
que não há leões domados  
vivem anestesiados  
um dia acordam  
sem ronronar em castrapo  
vou esperar pelo chicote  
desobediente  
guardo que ele erga a cadeira  
estroleje o látigo  
e me mande falar  
aí direi ao castelhano  
já chega de circo  
o palhaço és tu.

acordei e não vi bandeiras de castela



### 531. lendas da minha galiza 11 dez 2011

Galiza és tão especial  
quando sorris  
por que não sorris sempre?

és tão bela  
quando ris com gargalhadas cristalinas  
por que não ris sempre?

és tão amorosa  
quando falas e cicias  
por que não falas sempre?

no meu quintal tenho um poço  
sempre cheio de palavras  
onde vou buscar inspiração

é lá que busco amores  
como se fora o monte das Ánimas  
na era dos Templários  
quando os cervos eram livres e não havia lobos

foi lá que aprendi a tua história  
depois de Ith filho de Breogán  
ir à Torre de Hércules  
divisar Eirin a Verde

morto Ith, perdidas as Cassitérides  
aprimados os Ártabros  
resta visitar Santo Andrés de Teixido  
duas vezes de morto  
que não o visitei uma de vivo

e esta história queda silente  
nos livros e na memória dos velhos  
por que não a aprendem os nenos?  
agora que o rio Minho passa caladinho  
para não despertar os meninos

hoje quando fui ao poço  
encontrei-o seco e mirrado  
sem um fio de água sequer  
não havia pardais nas árvores  
nem flores no jardim  
senti o coração trespassado  
as lágrimas secaram-me  
afincado no chão  
atopei umas Meigas  
a dançar com o Dianho  
foi então que o vi, o Chupacabras  
estandarte de Castela

não mais haveria fadas ou sereias  
cronópios e polinópios  
vou juntar ferraduras, alho e sal  
colares de conchas e tesouras abertas  
esconjuro-vos ó meigas castelhanas  
que me salve o burro farinheiro  
vou ao banho santo em Lanzada (sansenxo)

hei de te encontrar minha moura encantada  
não tenho medo de travessuras de Trasgos  
nem Marimanta ou Dama de Castro  
sem temor d Santa Companha  
nem do Nubeiro vagueando  
entre tempestades e tormentas

hei de te encontrar minha moura encantada  
e brotará água do meu poço  
escreverei os versos e serão mágicos  
erguerei a tua flâmula  
no poste mais alto e cantarei  
Galiza livre sempre

**532. genevieve 13 dez 2011**

genevieve era nome de mulher  
um restaurante japonês  
no meio de chinatown  
sorrisos largos e astutos  
mansos como o rio minho  
olhos profundos amendoados  
como o canon do sil  
prometia ribeiras sacras  
seios amplos acolhedores  
como as rias baixas

genoveva da galiza  
amazona cem sidney  
um pai na argentina  
uma mãe em paris  
com saudades de arousa  
promovia sushi com saké  
loucas bebedeiras em galego

### 533. concha é nome de guerra 13 dezembro 2011

para ti não há música nem dança  
apenas as artes marciais  
guerrilheira de montes e vales  
urdidora de emboscadas  
sob a copa das amplas árvores  
brandes teu gládio de palavras suaves  
não usas as falas do inimigo  
vingas a dor de seres galega

a montanha que herdaste sozinha  
prenhada de mar na ilha dos nossos  
o povo desaparecido da Rousia aldeia  
esse recanto insuspeito ao virar da raia  
onde fui a férias em 2005 sem te saber  
eu que nasci galego do sul  
sendo galego de Celanova  
apartado de meus irmãos e irmãs  
séculos de história ao desbarato  
distavam mares que nunca navegámos  
montes que nunca escalámos  
estrelas que jamais enxergámos  
até um dia em que surgiste  
vestias azul e branco orlada a ouro  
estandarte do nosso reino  
ciciavas liberdades por atingir  
sonhos por realizar  
brandias a tua utopia  
numa mesma lusofonia

#### 534. açorianices 13 dez 2011

disseram para falar de hortênsias  
plantar a palavra mar e algum sal  
lugares comuns de bruma  
azáleas, camélias, novelões,  
conceiras, milhafres e cagarros  
e assim se cria um escritor açoriano

houve mesmo quem acreditasse  
autores nasceram assim  
nas ilhas e na estranja  
ganharam prémios, foto no jornal  
o governo pagava e promovia  
era uma primeira açorianidade

desta janela de neblina  
avisto o mar em desalinho  
mas sem hidranjas  
nem açores a esvoaçar  
nem vacas alpinistas  
não terei nome no basalto

cantarei o arquipélago da escrita  
sem títulos nem honrarias  
sem adjetivos telúricos  
sem versos de rima quebrada

não é açoriano quem quer  
mas quem o sente.

**535. são miguel scut<sup>23</sup> 13 dezembro 2011**

esventraram a ilha verde  
abriram montes e vales  
plantaram asfalto e pontes  
as maiores e mais altas  
trouxeram o progresso  
a décima ilha perdeu a magia  
sem índias nem especiarias  
nem índicas travessias  
adamastor dissipado  
o nordeste á já aqui.

**536. elegia à AGLP 16 dez 2011**

viver numa ilha é prisão  
sair dela é impossível  
nem com a velocidade da chita  
nem com a força do elefante  
nem com o mergulho do cachalote  
de nada servem passaportes  
nem vistos consulares  
só água nos rodeia  
preciso saber nadar

viver na Galiza é prisão  
sair dela é possível  
mas não elimina os carcereiros  
não abate as grades do cárcere  
não liberta do cativoiro  
mas nas árvores de NottinGaliza  
há sempre uma Concha dos Bosques  
ou um Ângelo Merlim  
um Joám Pequeno Evans Pim  
um frei Tuck Montero Santalha  
e seu bando de lusofalantes  
maneja o arco  
invencível besta da lusofonia

**537. a nódoa 17 dez 011. (à isabel rei)**

as nódoas da guerra civil  
não saem com detergente castelhano

trouxeste no ventre  
os bastardos de tuas violações

enterraste parentes  
mortos por terem ideais

as lágrimas que choraste  
adubaram teus campos

calaste as dores e humilhações  
enquanto pilhavam teus tesouros

ensinaram-te a língua do invasor  
mas cantaste vilancetes  
lembraste a alvorada de Rosalía  
descobriste o arquivo Valladares  
plangeste a tua guitarra

para sentires a liberdade  
tens de sair do teu país  
para falares a tua língua  
tens de visitar o passado

quando cantarás a liberdade?



**538. És tu Calíope? Lomba da maia 7 fev 012**

este céu não tem estrelas  
para criarem uma primavera  
apneias múltiplas  
nuvens em perpétuo movimento  
ora te escondem ora te revelam  
mística aparição  
mera invenção  
de quem sonha despertar  
...  
nestas ilhas irreais  
paradas no tempo e no espaço  
suspensas de tradições  
de mitos e medos e  
tremores tremuras terremotos e vulcões  
acordar no éden é um delírio  
de húmidos dilúvios e verdes pastagens  
vacas alpinistas e mulheres disformes  
baleias nos mares e cachalotes em terra  
vítimas de abusos silentes  
encobridoras de pedófilos  
beatas intransigentes  
costumes que tudo desculpam e encobrem

foi então que surgiste  
ninfa ou musa  
irmã gémea de Calíope  
retirada das águas <sup>24</sup> ارسى أوو  
mais profundas desta atlântida  
e me enleaste nas tuas melopeias

celebrámos um parto louco  
de amores impossíveis  
num cais improvável  
areais negros sem sargaços  
ao doce som do marulhar  
da melancolia dos cagarros  
triste cântico evanescente  
neste céu sem estrelas  
eras já sol ou cósmica tempestade

foi assim que me perdi na tua galáxia

**539. destino ilhéu, lomba da maia 11 fev 2012**

olhei para o espelho dos dias  
e vi-te partir  
silente como chegaras  
sem sorrisos nem lágrimas  
vestias um luar sombrio  
deixavas vazio o leito  
num luto antecipado  
agarrei as nuvens que passavam  
levado na poeira cósmica  
carpindo dores antigas

acordei sobressaltado  
o livro da vida nas mãos  
o livor nas faces  
o fim há muito antecipado  
ficar era o destino  
sem levar as ilhas a reboque

será esta a sina ilhoa?

**540. maria nini 26 março 2012**

maria nini  
que seria eu sem ti?  
deste sapatos aos descalços  
cavalgaste um epaminondas  
tocavas piano  
no liceu falavas francês  
pingavas amor aos desvalidos  
a tua casa era um canil  
de gatos e desamados

maria nini  
que faria eu sem ti?  
adestraste alunos e professores  
ensinaste filhos teus e doutrem  
cresceste em lisboa  
foste mulher no porto  
casaste na austrália  
mataste saudades em caminha  
emigraste para bragança  
foste ao canadá, brasil e macau  
falhaste o alasca, coreia e taiwan  
atingiste o cansaço nos açores

maria nini  
quem amaria eu sem ti?  
agora no ocaso da vida  
dedilho esta cítara triste  
cansado de alegrias muitas  
parabenizo teus anos  
de vida e de casada  
nunca me arrependo  
enquanto estiveres aqui  
maria nini  
como viveria eu sem ti?

## 541. joana félix poeta feliz que não fénix 27 março 2012

joana caminhava  
nas negras areias  
carregava a pesada cruz  
dos sapatos do pai

não deixava pegadas  
na leveza do seu ser  
era onda era maré  
maremoto de palavras  
figura gentil e frágil  
caravela de mil descobertas

escrevia amor  
nas entrelinhas do pai  
acordou e era poeta  
na leveza do seu ser  
por mérito próprio  
nascera de novo  
joana de mil sorrisos  
porto de mil abrigos  
cais de mil partidas

estas as palavras que eu disse  
e joana se fez livro e partiu  
à descoberta do mundo  
que era seu como o infinito  
neste rio sem margens  
nascido na praia com aban  
trazia nos cabelos a brisa do mar  
e nos lábios as cerejas geladas do japão  
dizia que depois de escritas as palavras tinham vida  
mas ainda não tinha aprendido a vivê-las  
com os anjos que habitam na terra

**542. pirata sem cara de mau (17 anos de casados) 27 março 2012**

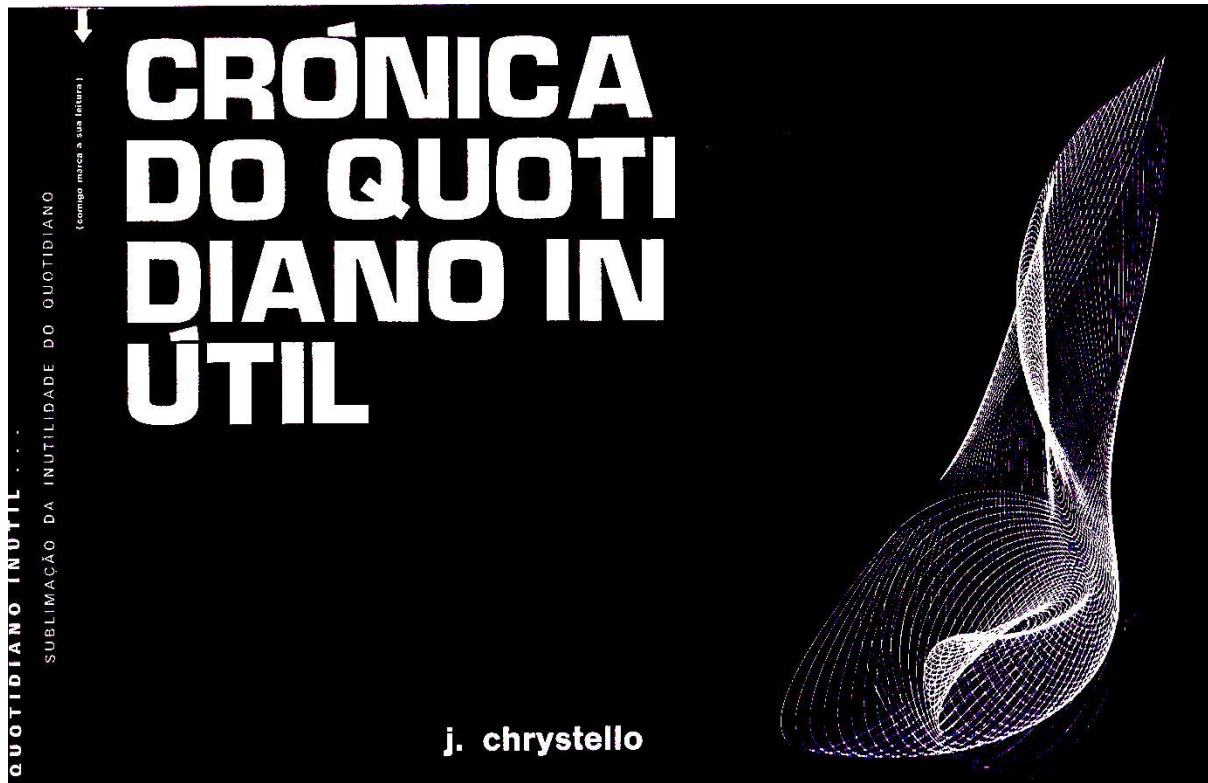
desenhaste amor com traços lentos  
no quadro negro de alvo giz  
na aula só eu prestava atenção  
seguia os traços como quem segue  
os contornos do teu corpo  
montes, vales e rios  
como se fora um mapa  
eu era o oceano  
tu eras a terra firme  
lancei âncoras e amarras  
este era meu porto seguro  
encontraste-me no bar de chegada  
prometias girassóis  
campos de feno a ondular  
caminhavas leve e trigueira  
ainda hoje me procuram  
gritaram homem ao mar  
quando era marinheiro em terra  
vogo nas tuas ondas e marés  
desfraldei a bandeira de corsário  
aprimosámos tesouros infindos  
piratas de um amor só

**543. ao urbano Bettencourt 2 abril 2012**

urbanamente vives  
nas pinceladas das tuas palavras  
a tua paleta pinta poesia  
teus livros erguem-se impantes  
como teu Pico natal  
amores e desamores de ilhas  
que unes em pontes de poesia  
que sentes em dores  
que pariste em árvores  
sem sombras nem véus  
nenhuma luz apagarás!

**544. ao eduíno de Jesus 2 abril 2012**

as tuas palavras esguias  
insinuam-se enleantes  
preenchem os nichos do silêncio  
em silos de poesia  
buriladas em filigrana  
sente a ilha e a língua  
nelas aprendi a geografia  
e o amor inconquistado  
sem silêncio nem silos



1972